

EMUDECIDO PERANTE A EXTENSÃO DO MAL

Quando, na passada segunda-feira, acompanhei a apresentação do Relatório da Comissão Independente para o Estudo dos Abusos Sexuais contra Crianças na Igreja Católica Portuguesa, senti-me atingido, sem sobreaviso, por um golpe violentíssimo. A verdade é que já sabia, desde que a Comissão começou o seu trabalho, que seria publicado um relatório; também já sabia em que data seria divulgado; mas a consciência desses factos não foi suficiente para que estivesse preparado para o que foi dado a conhecer.

Todo o tempo que durou a apresentação do relatório foi um aperto no estômago. Quando terminou o tempo concedido aos jornalistas para que fizessem perguntas, vi-me completamente mudo, a desejar um silêncio que me permitisse respirar, que me permitisse permanecer à tona, a desejar ouvir a voz de Deus no meio do meu emudecimento.

Sinto-me envergonhado e triste. Envergonhado, porque estas coisas aconteceram na nossa Igreja Católica. Triste, porque imprimem as mais profundas rugas no rosto, por vezes tão desfigurado, desta nossa Mãe Igreja. Mas continuo a acreditar em Jesus e na Igreja.

Foi corajosa a decisão tomada pela Conferência Episcopal Portuguesa de constituir uma Comissão Independente, dando meios e total autonomia para que pudesse fazer o seu trabalho. Temos de ser igualmente corajosos a tirar consequências deste estudo, seguindo as recomendações dadas pela Comissão, e indo mais longe para que estas situações não voltem a suceder ou a ficar impunes.

A Igreja não é isto. Os sacerdotes não são isto. Os cristãos não são isto. Estes comportamentos são coisas que queremos extinguir de vez, erradicar do meio de nós.

Na Paróquia do Campo Grande, estamos já a caminho da implementação de medidas preventivas deste tipo de situações. Começaremos pela Catequese, mas elas serão estendidas a todos os grupos, sobretudo aos que acompanham menores e pessoas vulneráveis. Peço que todos nos sintamos envolvidos e chamados a colaborar.

A Maria João Avillez, nossa paroquiana, escreveu no Observador que nunca desistirá da Igreja. Estou-lhe muito grato por essa coragem, rara entre os cristãos com destaque na sociedade.

Da nossa parte, vivamos o Evangelho com verdade, dando testemunho da Vida que dele nos vem e da alegria que em nós gera.

Sejamos um para que todos acreditem.

Padre Hugo Gonçalves



ÁGAPE

Ágape “exprime a experiência do amor que se torna verdadeiramente descoberta do outro. O amor torna-se cuidado do outro e pelo outro. Já não se busca a si próprio, não busca a imersão no inebriamento da felicidade; procura, ao invés, o bem do amado: torna-se renúncia, está disposto ao sacrifício”. **Bento XVI**

DAR VOZ AO SILÊNCIO | RELATÓRIO

A Comissão Independente para o Estudo dos Abusos Sexuais de Crianças na Igreja Católica Portuguesa revelou esta semana o relatório “Dar voz ao silêncio”, resultado do estudo realizado com o objetivo de identificar e estudar os abusos sexuais de crianças por membros e/ou colaboradores da Igreja, entre 1950 e 2022, procurando conhecer o passado para melhor intervir no presente e prevenir, no futuro. Embora o relatório seja público e tenha sido amplamente divulgado, deixamos aqui alguns excertos das principais conclusões, assim como as recomendações para a igreja e para a sociedade que foram feitas pela equipa.

- A análise foi feita a partir de 512 testemunhos, 57,2% do género masculino e 42,2% do feminino, com idade atual média desta de 52,4 anos. Ao tempo do primeiro abuso, 58,6% das crianças vítimas residiam com os pais. A maior percentagem de crianças foi abusada entre os 10 e os 14 anos de idade, sendo a média de 11,2 anos. O maior número de abusos sexuais situa-se no intervalo entre o início da década de 1960 e 1990. De 1991 até hoje, concentram-se 21,9% das situações. À data do abuso, a maior parte das vítimas estudava (88,1%) e frequentava o 1.º e o 2.º ciclos (58,5% dos casos). Predominam as modalidades com manipulação de órgãos sexuais, masturbação, sexo oral e sexo anal, bem como cópula completa. A modalidade de abuso varia entre géneros, destacando-se o predomínio dos casos de abuso envolvendo sexo anal, a manipulação de órgãos sexuais e a masturbação em rapazes e dos casos de insinuação em raparigas. Quanto aos locais mais comuns de abuso, destacam-se por ordem decrescente: seminários (23% dos casos), igreja sem outra especificação (18,8%), confessionalário (14,3%), casa paroquial (12,9%) e escola religiosa (6,9%). Ao longo das décadas existe um declínio dos seminários enquanto local preferencial; surgem picos de casos em locais externos à igreja, como nos agrupamentos de escuteiros, entre os anos de 1991 e 2010. Quanto à frequência dos abusos, em 57,2% dos depoimentos estes ocorrem mais do que uma vez.

- No perfil da pessoa abusadora, existem destaques: em 96,9% dos testemunhos é do género masculino, em 77% dos testemunhos é referida com o estatuto de «Padre» e em 46,7% das situações aquela já era anteriormente conhecida da vítima.

- No tempo que se sucedeu ao abuso, 51,8% dos inquiridos afirmam que revelaram mais tarde a situação, e em 48,2% dos casos a participação neste estudo constituiu a primeira vez em que a situação é descrita a outrem. O abuso foi revelado sobretudo em meio familiar (51,7%). Os rapazes tendem a contar ao cônjuge e a amigos; as raparigas aos ascendentes, em especial às mães. Em 54% das situações, a revelação só surgiu em idade adulta (maiores de 18 anos) e mais cedo no grupo das raparigas. A idade de revelação tem vindo a diminuir ao longo das décadas. A reação dos outros perante a revelação foi a de «acreditarem» em 56,2% dos casos, embora com maior expressão quando a vítima já era adulta e/ou pertencia ao sexo feminino. No tempo posterior ao abuso, nota-se a ausência de resposta externa: em 11 65,8% dos depoimentos, nenhuma medida foi tomada para afastar o abusador, 77% das vítimas nunca apresentaram queixa a pessoas ou estruturas da própria Igreja e só 4,3% formalizaram queixa em tribunal. Em 58,5% dos casos, as vítimas referem ter conhecimento de outras situações de abuso, embora com graus muito variáveis de precisão e rigor. Numa estimativa grosseira, por defeito, calculamos que as 512 pessoas vítimas conheçam ou tenham estado em contacto com perto de 4300 outras vítimas.

Destacam-se, finalmente, algumas sugestões e recomendações sentidas como mais importantes pela Comissão, e que se agrupam em diferentes temas destinados à Igreja Católica e à sociedade em geral.

IGREJA:

- Proposta de uma nova Comissão para continuidade do estudo e acompanhamento do tema (multidisciplinar, membros internos e externos à Igreja).
- Reconhecimento, pela Igreja, da existência e extensão do problema e compromisso na sua adequada prevenção futura.
- Cumprimento do conceito de «tolerância zero» proposto pelo Papa Francisco.
- Dever moral de denúncia, por parte da Igreja, e colaboração com o Ministério Público em casos de alegados crimes de abuso sexual.
- Pedido efetivo de perdão sobre as situações que aconteceram no passado e sua materialização.
- Formação e supervisão continuada e externa de membros da Igreja, nomeadamente na área da sexualidade (sua e das crianças e adolescentes).
- Cessação de espaços físicos fechados, individuais, enquanto locais de encontro e prática religiosa. — Medidas preventivas eficazes, incluindo «manuais de boas práticas» e «locais de apoio ao testemunho e acompanhamento das vítimas e familiares».
- Apoio psicológico continuado às vítimas do passado, atuais e futuras (responsabilidade da Igreja e articulação com o Serviço Nacional de Saúde).

SOCIEDADE CIVIL:

- Necessidade da realização de um estudo nacional sobre abusos sexuais de crianças nos seus vários espaços de socialização.
- Reconhecimento inequívoco dos Direitos da Criança.
- Empoderamento das crianças e famílias sobre o tema: o papel da Escola.
- Aumento da idade da vítima para efeitos de prescrição de crimes.
- Celeridade da avaliação e resposta do sistema de justiça.
- Reforço do papel da comunicação social na investigação e tratamento do tema.
- Aumento da literacia emocional sobre as verdadeiras necessidades do desenvolvimento infantojuvenil, sobretudo no campo afetivo e sexual.

PAPA FRANCISCO - “TOLERÂNCIA ZERO”

Em Setembro do ano passado, Maria João Avillez, na entrevista feita ao Papa Francisco, abordou o tema dos abusos na Igreja. Aqui fica esse excerto.

Sabe que uma parte do mundo está hoje zangada com a igreja. As situações de abuso por parte de alguns membros do clero estão na atualidade. Em Portugal vivemos uns dias difíceis, duros. Quais são as razões profundas desta ferida? O que falha? É a formação? A falta de acompanhamento? É a lógica da autoconservação institucional?

Posso responder-lhe de forma elegante, dizendo ‘sim, é verdade, a igreja está a sofrer, e etc. e tal’.

Mas não é suficiente.

Não. Quero ser muito claro em relação a isto: o abuso de homens e mulheres da Igreja - abuso de autoridade, abuso de poder e abuso sexual - é uma monstruosidade porque o homem ou mulher da igreja - quer seja padre, religioso ou religiosa ou laico ou laica - foi chamado a servir e a criar unidade, a contribuir para o crescimento, e o abuso destrói sempre. O abuso é uma realidade trágica de todos os tempos mas também do nosso tempo.

A diferença é que agora se sabe.

Sabe-se. E ainda bem que assim é. Mas o que não se sabe, porque ainda se esconde, é o abuso no seio da família. Não me lembro bem da percentagem, mas penso que 42% ou 46% dos abusos ocorrem na família ou no bairro. E isso esconde-se. Na semana passada estive reunido com um grupo muito sério que trabalha com abusos no Brasil e deram-me as percentagens. Depois há outra percentagem no desporto, nos campos de desportos, nos clubes. Às vezes aproveitam-se dos miúdos nos clubes. Depois nas escolas e uma percentagem que me deram: que 3% dos abusos ocorrem com homens e mulheres da Igreja. ‘Ah, 3% é pouco.’ Não. Mesmo que fosse um só é uma monstruosidade. Então digo simplesmente: tudo isto existe mas fixo-me nestes e sou responsável pelo facto de que isso não voltar a acontecer. E, infelizmente, a cultura do abuso está muito disseminada. Inclusive os filmes pornográficos, em que se filmam abusos de menores. Pergunto-me: em que país se fazem? Não podem penalizá-los? Não se sabe onde são feitos. Mas faz parte da nossa cultura. Há pessoas que nos serviços de alguns telefones permitem que se entre em serviços sexuais e alguns são de abuso de menores, outros de outras coisas, ou seja, a nossa cultura é uma cultura abusadora. Assim, quando falamos de abuso, eu diria que é preciso ter esta visão de conjunto; segundo, procurar que não se escondam as coisas porque nalguns sectores, como na família, tende-se a ocultar; terceiro, agarremos na percentagem que nos diz respeito e vamos ao combate. Ou seja, não nego os abusos - mesmo que fosse um só é monstruoso porque o padre e a freira têm de conduzir o menino, a menina a Deus, e ao fazerem o abuso destroem-lhes a vida. É monstruoso, é destruir vidas. E depois vêm com perguntas: ‘não será que é o celibato?’. Não é o celibato. O abuso é uma coisa destrutiva, humanamente diabólica. Nas famílias não há celibato e também ocorre. Portanto, é simplesmente a monstruosidade de um homem ou de uma mulher da igreja, que está doente em termos psicológicos ou é malévolo, e usa a sua posição para sua satisfação pessoal. É diabólico.

O que faz a igreja para tratar essa ferida?

A igreja tomou uma decisão depois da ‘explosão’ de Chicago. No tempo do cardeal Law foi quando se deu a “explosão” - teve consciência disto e começou a seguir os casos de abuso. A igreja sabe que 40 e tal por cento ocorrem nos bairros e na família, mas aqui importam os consagrados na comunidade. E uma coisa muito clara é: tolerância zero. Zero. Um sacerdote não pode continuar a ser sacerdote se é abusador. Não pode. Porque é doente ou um criminoso, não sei. Mas claramente é um doente. É uma baixeza humana, certo? O sacerdote existe para encaminhar os homens para Deus e não para destruir os homens em nome de Deus. Tolerância zero. E tem de continuar a ser assim. Eu sofro com casos de abuso que me apresentam. Sofro, mas é preciso enfrentar isso.
(...)

Gostava de lhe pedir uma palavra que ponha luz e reconciliação no caminho da igreja portuguesa, que neste momento vive um momento muito difícil, até às Jornadas Mundiais da Juventude.

Eu diria isto: olhem para a janela. Olhem a janela. E perguntem-se: ‘A tua vida tem uma janela aberta?’. Se não tiverem, abram-na o quanto antes. Não tenham vistas curtas. Em relação a um problema, a seja o que for. Saibam que estamos a caminhar para o futuro, que há um caminho. Olhem para o caminho. Não se fechem. Sempre com a janela aberta. Pergunto: ‘Qual é a tua janela? Qual é a tua esperança?’. ‘Não me ocorre.’ Pronto, procura-a e cria-a mas não se pode viver sem esperança, não se pode viver sem esse ímpeto positivo da esperança. Senão encaracolas-te como um caracol sobre ti próprio e isso é doentio. Abram a janela, é o conselho que dou para se prepararem para as Jornadas da Juventude. Abram a janela. Vejam além do nariz, além. Olhem, abram, olhem para o horizonte. E alarguem o coração.

Oração

Ensina-nos, Senhor, o renascimento paciente depois das duras desilusões que nos atingem.

Não nos deixes reféns do mal que ganha forma na nossa história e nos captura com mil amarras diversas, tantas dessas inegavelmente trágicas.

Ajuda-nos nesta hora a coragem de colocar no lugar do mal aquele bem que brota apenas da verdade e do perdão.

Ensina-nos, Senhor, a olhar com humildade o retrato que nos desgosta e a reconhecer como um caminho que deve ser percorrido o áspero cúmulo de ruínas.

Ensina-nos a colocar acima de tudo a integridade da vida de cada pessoa e a proteger de forma inequívoca os mais pequenos e frágeis.

Que consideremos essa protecção como um dos pilares que sustentam a espiritualidade e a façamos equivaler à mais perfeita expressão de tudo o que nos liga a Ti.

Ensina-nos a assumir com responsabilidade a lição das feridas profundas que tantos transportam e a não desviar a nossa atenção daqueles que esperam da comunidade reconhecimento e justiça.

Não nos deixes ficar de braços caídos. Ensina-nos, Senhor, como o fizeste com o jovem Francisco de Assis, a reconstruir a Tua Igreja.

Cardeal José Tolentino de Mendonça, 14.02.2023

VIA SACRA JMJ LISBOA 2023



Na sexta-feira à noite, dia 24, realizar-se-á no Parque Eduardo VII a Via Sacra JMJ Lisboa 2023.

Ao entrar na Quaresma este é um convite dirigido a toda a Diocese para percorrer os passos de Jesus com a cruz, começando no alto do Parque Eduardo VII, e tendo como intenção a nossa JMJ Lisboa 2023. Um momento que nos transporta já para a Via-Sacra da JMJ marcada para o dia 4 de Agosto. A caminhar e a rezar com todos estará o Senhor Patriarca, D. Manuel Clemente. A partir das 21:30, com o ponto de encontro junto à bandeira de Portugal.

A ACONTECER

QUARTA FEIRA DE CINZAS

Na quarta-feira começa o tempo da Quaresma e teremos a imposição das cinzas em todas as missas desse dia: 9:00, 12:15 e 19:00. Iniciemos em comunidade este tempo de jejum, de caridade e de oração.

3 MILHÕES DE NÓS

Dia 4 de Março, Sábado, na aula Magna, realiza-se a terceira edição do evento "3 MILHÕES DE NÓS", organizado por uma equipa que nasce dos Grupos de Jovens Fraternos da nossa paróquia. Um dia de encontro e discussão dinâmica de temas relacionados com a juventude em Portugal, o seu presente e o seu futuro, com a participação de oradores de relevo. É aberto a quem quiser participar e o programa e os bilhetes estão disponíveis no site do evento - www.3mn.pt.